

1.

Introdução

A tradução literária, a atividade de recriar obras literárias em outras línguas, apresenta questões bastante complexas e, por vezes, impossíveis de resolver, por lidar com diferenças próprias do intercâmbio linguístico e cultural. Na narrativa literária ficcional de cunho realista – que, mediante a apresentação de seu ambiente e personagens, tem a intenção de evocar um efeito de verossimilhança, o fundo de realidade surge como necessidade para que se produza um pacto entre escritor e leitor –, um dos elementos principais é a composição dos personagens. Esta caracterização pode ser realizada pelo método direto, utilizando a voz do narrador, ou pelo método indireto, em que as personagens se constroem a si mesmas por meio de seu discurso e de suas ações, conferindo força dramática ao texto.

As falas das personagens, portanto, são essenciais para a sua caracterização e podem definir seu perfil de acordo com a sua etnia, grupo social, nível socioeconômico, gênero ou faixa etária. Assim, o autor deve tentar reproduzir as características da fala oral na escrita, criando um efeito verossímil de oralidade. Essa tarefa pode ser desafiadora para o autor devido às diferenças entre a língua falada e a escrita, que, em alguns idiomas, pode ser maior do que em outros. No português brasileiro, essa distância é grande, pelo fato de se privilegiar na escrita a chamada norma-padrão, que, segundo o linguista Marcos Bagno (2012, p. 25), não é um modo de falar, mas “um modelo de língua, um ideal a ser alcançado, um construto sociocultural que não corresponde de fato a nenhuma das muitas variedades sociolinguísticas existentes em território brasileiro”, elaborado com base nos usos de escritores portugueses do Romantismo. Por outro lado, a língua oral real, a linguagem concretamente empregada pelos cidadãos, é cheia de “desvios” da norma-padrão. Para poder criar personagens verossímeis, o ficcionista deve tentar reproduzir a maneira de falar das pessoas, mas sem se esquecer que se trata de um texto escrito – na oralidade usamos sintaxe truncada, redundâncias, lacunas, além de linguagem não verbal, que causariam estranhamento ao leitor se colocadas em um texto escrito. Segundo Britto (2012, p. 87), para que o efeito de verossimilhança funcione, “o diálogo não deve se afastar demasiadamente de

algumas convenções da linguagem escrita”. Para conseguir esse efeito, o escritor precisa identificar certas marcas textuais, as chamadas marcas da oralidade.

É importante destacar que o termo “oralidade” não pode ser considerado como sinônimo de “informalidade”. Tanto na língua oral quanto na escrita existem algumas situações comunicativas que requerem o uso do registro formal e outras que requerem o uso do registro informal. Embora a coloquialidade esteja mais presente na fala, não é exclusiva dela e não pode se dizer que língua coloquial seja o mesmo que língua oral. Assim, para um autor poder construir um texto oral com registro coloquial, deverá empregar certas marcas próprias da oralidade e da coloquialidade, além de lançar mão de um planejamento estilístico – recurso próprio da escrita – que possibilite a criação do efeito de verossimilhança.

A reprodução em outra língua de um texto escrito para ser lido como se estivesse sendo falado por alguém pode representar um imenso desafio para o tradutor literário, que precisará recriar as marcas de oralidade e os traços da coloquialidade em outra língua, sendo estes, provavelmente, diferentes das da língua de partida e podendo estar vinculadas também a questões culturais ou regionais. Segundo García de Toro (2004), na maioria das ocasiões, a dificuldade consiste tanto em determinar que função cumprem no texto original, quanto em conseguir uma equivalência ou uma carga expressiva similar na língua de chegada. Ainda segundo a autora, há uma série de elementos usados no discurso oral coloquial que criam problemas de tradução por serem diferentes da língua de chegada. O tradutor, portanto, deverá dominar o uso desses elementos para não criar decalques ou traduções erradas.

Para verificar como o tradutor consegue resolver esse desafio, escolhemos para a presente pesquisa uma obra literária brasileira característica pela presença de diálogos que reproduzem a maneira de falar de personagens que residem numa favela do Rio de Janeiro, o romance *Cidade de Deus*, do escritor Paulo Lins (Companhia das Letras, 1997). A oralidade deste romance está carregada de peculiaridades próprias do registro coloquial, por vezes vulgar, além de estar permeada por gírias de traficantes e expressões oriundas de uma classe social baixa. Apesar de ter fortes vínculos com realidade exterior, é uma obra ficcional, assim como seus diálogos. A única tradução realizada para o espanhol é a de Mario Merlino (Tusquets, 2003), que será comparada com o original para verificar quais

as marcas, recursos e estratégias foram usados para manter a verossimilhança nos diálogos.

Partindo da base da seleção de uma obra que destaca por evocar a oralidade cotidiana, nosso objetivo principal é verificar como a oralidade e a variação linguística pode ser traduzida nos diálogos literários para manter a ilusão de verossimilhança – em relação ao original, mas também em relação à realidade do leitor da tradução. Os objetivos específicos da pesquisa são:

- caracterizar a oralidade e a escrita como um *continuum* complexo, situando os textos escritos que incluem traços próprios da oralidade a meio caminho entre os extremos prototípicos;
- definir a variação linguística e, especificamente, caracterizar o registro coloquial e o dialeto popular;
- caracterizar a oralidade ficcional na escrita literária, especificamente nos diálogos de romances de cunho realista;
- verificar quais são os recursos usados por Paulo Lins em *Cidade de Deus* capazes de criar a ilusão de oralidade coloquial;
- verificar se foi possível recriar a oralidade coloquial na tradução para o espanhol e identificar se estas são diferentes das da língua de partida, por estarem vinculadas a questões culturais ou tradições discursivas.

Seguindo a análise da linguagem falada proposta por Peter Koch e Wulf Oesterreicher ([1990] 2007), distinguiremos entre os traços gerais de uma situação de imediatez comunicativa e as características idiomáticas, específicas das línguas em questão. O uso destes recursos em um texto literário depende das tradições e convenções vigentes em determinado momento, na língua e na literatura, nas culturas correspondentes. Para tal, caberá antes definir e caracterizar uma série de conceitos relacionados com a fala coloquial:

- Fala *versus* escrita: Além de definir os conceitos, estabelecer-se-ão possíveis diferenças entre fala e escrita de pontos teóricos diferentes, para poder demonstrar que no lugar de dois polos dicotômicos, é possível estabelecer um *continuum* entre as duas modalidades (KOCH; OESTERREICHER, [1990], 2007). Os textos escritos que incluem

traços próprios da oralidade poderiam se situar a meio caminho entre ambos extremos, devido à condição de discurso oral pré-fabricado.

- Variação linguística: Definiremos o conceito sociolinguístico de variação linguística segundo Preti (2003), focando nos registros, principalmente o registro coloquial, e o dialeto social.

Quanto à reprodução da fala coloquial nas narrativas ficcionais de cunho realista, o problema encontra-se nas limitações da literatura na hora de refletir fielmente a língua “comum” produzida em circunstâncias de comunicação real. Por um lado, a literatura se diferencia de outras manifestações linguísticas por estar em um nível superior, no sentido de saber extrair o máximo da qualidade expressiva da linguagem, mesmo quando se pretende recriar os níveis de registro mais baixos. Os profissionais da linguagem normalmente sabem explorar melhor os recursos retóricos que os falantes comuns, simples amadores. Por outro lado, como apontávamos antes, a fala que aparece reproduzida nas narrativas ficcionais não pode ser equivalente às transcrições das gravações de falas espontâneas ou realizadas em contextos de comunicação real, cheias de interrupções, falas truncadas, sintaxe desordenada, repetições, etc., sem falar da pontuação usada nas convenções de transcrição. A pesquisa tentará elucidar, portanto, quais são as convenções retóricas subjacentes à reprodução da fala especificamente coloquial na narrativa ficcional.

Nesta fase do estudo, os fundamentos teóricos e a metodologia sustentam-se em uma abordagem linguística, baseada nos conceitos que oferecem, por um lado, a pesquisa sobre a linguagem falada e, por outro, a linguística variacional. Já que a análise se centra na narrativa ficcional, alguns conceitos provêm também do estudo dos textos literários. Os principais autores pesquisados são Koch e Oesterreicher ([1990], 2007), López Serena (2007), Narbona (2001, 2015), Preti (2003, 2005, 2006), Bagno (2003), Britto (2012), Rey Quesada (2011, 2015) e Brumme (2008).

Com relação à tradução da oralidade ficcional, do ponto de vista teórico, abordaremos o estudo partindo da visão ilusionista do tradutólogo Jiří Levý (2011), para quem a tradução, da mesma forma que a narrativa ficcional realista, tem basicamente uma meta representativa. Segundo o conceito teleológico de tradução de Levý, ela tem a finalidade de servir como um processo de comunicação, cujo

objetivo é partilhar o conhecimento do original com o leitor estrangeiro. A partir do exercício de sua tarefa, o tradutor, mediante um processo de tomada de decisões, pode adotar duas abordagens diferentes: a ilusionista, em que o tradutor tem o objetivo de despertar no leitor a ilusão de que está lendo o original, e a anti-ilusionista, em que o tradutor só pretende comentar o original.

Para verificar como a coloquialidade e a variação linguística de maneira geral pode ser traduzida nos diálogos literários para manter a ilusão de verossimilhança – em relação ao original, mas também em relação à realidade do leitor da tradução – revisaremos o que alguns autores consideram a esse respeito. Basearemos nossa argumentação, principalmente, em Hurtado (2001), Rabadán (1991), Marco (2002) e Julià (1995).

Apesar de não trabalhar com o conceito de norma de Toury (2004) nesta pesquisa, este coincide com o enfoque que a tradução da variação linguística oferece na hora de selecionar o material linguístico para reformular o texto original. Para Toury, a tradução se vê sujeitada, em sua dimensão sociocultural, a limitações de diferentes tipos e graus, que vão além do texto de origem (TO), das diferenças sistêmicas entre as línguas e as tradições textuais envolvidas, e até das possibilidades cognitivas do tradutor como mediador. Segundo a *potencialidade*, as restrições socioculturais formam uma escala delimitada por dois extremos: por um lado, as regras gerais e, por outro, os traços puramente idiossincráticos. Entre os dois polos encontra-se um grande campo intermediário ocupado por fatores intersubjetivos chamados de *normas*. As normas formam um *continuum* gradual na escala entre os dois polos.

Toury fala de três tipos de normas. Em primeiro lugar, há a *norma inicial*, que se refere à opção do tradutor de fazer uma *tradução adequada*, aderindo às relações textuais e normas do original; uma *tradução aceitável*, seguindo as normas literárias e linguísticas vigentes na língua meta ou no polissistema literário da cultura meta, ou uma tradução onde se combinem os dois tipos de tradução acima mencionados. As *normas preliminares* são as que estão relacionadas tanto à existência e índole de uma política tradutória concreta na cultura meta (o que se traduz?) quanto ao fato da tradução ser direta ou não. Já as *normas operacionais* dirigem as decisões tomadas durante o ato de traduzir, e que podem afetar tanto à matriz do texto (*normas matriciais*) –ou seja, a forma de distribuir e segmentar o material linguístico: omissões, adições, mudanças de localização, manipulação da

segmentação— quanto à formulação verbal concreta do texto (*normas linguístico-textuais*) —ou seja, tudo o que estiver relacionado com estilo, tipo de linguagem, repetições, sinônimos, estrangeirismos, etc. São estas últimas, de nível microtextual, as que interessam principalmente na presente pesquisa, já que determinam a seleção do material linguístico para reformular o texto original.

A pesquisa está orientada à tradução da oralidade literária de uma perspectiva descritiva e textual, com um *corpus* paralelo de textos considerado representativo para tal fim. Mediante análise comparativa das obras que são objeto desta pesquisa analisaremos, por um lado, quais são as marcas de oralidade coloquial presentes no romance brasileiro *Cidade de Deus*, de Paulo Lins. Por outro lado, verificaremos se foi possível traduzir as marcas para o espanhol, de que maneira, se houve algum tipo de dificuldade e se o texto traduzido consegue também “criar no leitor a ilusão de que o texto em que elas aparecem é a fala de uma pessoa” (BRITTO, 2012, p. 90). Apesar de usar análises linguísticas e, com frequência, microlinguísticas, não se avaliará a tradução palavra por palavra ou marca por marca, mas se a tradução atinge com sucesso a meta representativa sustentada por Levý (2011) na sua teoria da tradução ilusionista. Para isso, realiza-se primeiro uma análise intralinguística das características da oralidade e como estas são evocadas no texto escrito. A seguir, procede-se a uma análise interlinguística, comparando original e tradução, focando especialmente a atenção nos aspectos que evocam a oralidade na escrita. Pretende-se também verificar se, na tradução da oralidade ficcional, os traços universais da linguagem da imediatez se mantêm e quais são as adaptações que precisam ser feitas em relação às características histórico-idiomáticas, que podem ser diferentes nas duas línguas de estudo. Finalmente, pretende-se verificar quais as estratégias escolhidas pelo tradutor em relação à variação linguística do registro coloquial e do dialeto social representados em *Cidade de Deus*. Vale ressaltar que não comparamos dois textos em seu conjunto, e menos ainda um tipo de texto, mas uma fração de um texto e um único aspecto dos vários que podem se manifestar nesta fração. Como bem manifestou Toury (2004), “toda comparação é somente parcial: não é realizada sobre os objetos como tais, só em determinados aspectos”.

Com este trabalho, esperamos contribuir com o estudo tradução da oralidade ficcional no Brasil. Por se tratar de um estudo de caso, o resultado será limitado e não poderemos extrair dele generalizações, até que a pesquisa se repita

em *corpora* maiores. Qualquer estudo tradutológico ou linguístico realizado sobre um único texto é representativo de uma pequena parte da realidade. De qualquer forma, a natureza parcial de uma pesquisa não reduz seu valor, já que, qualquer pesquisa, mesmo sendo restringida, pode ser relevante para a teoria geral (HOLMES, 1988).